

Pacientes de Caruaru podem desenvolver câncer hepático

■ Toxina causadora das mortes está relacionada à doença e ameaça população local

JOSÉ DE ARIMATÉIA

RECIFE — Mesmo que se recuperem e recebam alta do Hospital Barão de Lucena, os 70 doentes renais intoxicados durante hemodiálise em Caruaru correm o risco de contrair câncer no fígado. O risco é grande também para toda a população da cidade que consome água da barragem de Tabocas. Esta é uma das conclusões do laudo da bióloga Sandra Azevedo, base do relatório epidemiológico da Secretaria de Saúde divulgado ontem, que aponta a Microcystina-LR como a causadora da intoxicação. Essa toxina está presente na microalga Cianobactéria, que existe em grande quantidade em Tabocas e em outros mananciais de Caruaru. Ontem, mais uma paciente, Marinete Antônia-da Silva, morreu — é a 38ª vítima.

O secretário-adjunto de Saúde do estado, Cláudio Duarte, reconheceu o perigo causado pela microalga, e disse que o governo estadual e a Companhia de Águas de Pernambuco (Compesa) estão monitorando com atenção o abastecimento da cidade e que não há motivo para pânico. Duarte assegurou que as autoridades de saúde no estado estão atentas a todos os riscos.

A tragédia de Caruaru

38 MORTES
(23 homens e 15 mulheres)

126 70 2

Intoxicados Internados Na UTI

Provável período de contaminação: 13 a 17 de fevereiro de 1996

“A confirmação da presença da Microcystina na amostra leva à necessidade urgente de uma avaliação precisa da qualidade da água que está sendo utilizada na região”, diz Sandra Azevedo, professora de pós-graduação em Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e uma das maiores autoridades brasileiras em Cianobactérias. Segundo o laudo, “está comprovado que esta hepatoxina é um potente promotor de tumores hepáticos, e que o consumo de água contaminada tem estreita correlação com a ocorrência de casos de câncer hepático”.

Probabilidade — Segundo o secretário de Saúde de Pernambuco, Jarbas Barbosa, as chances de a toxina ter sido a causa mais provável da morte dos 38 pacientes de hemodiálise em Caruaru é de quase 100%. Jarbas explicou que a Microcystina foi localizada “em altas doses” no filtro de carvão ativado que purificava a água usada pelo Instituto de Doenças Renais (IDR), entre os dias 13 e 16 de fevereiro. O secretário disse que, para a população em geral, a toxina não causou danos, mas foi letal para os doentes renais porque se infiltrou na corrente sanguínea.

O secretário eximiu de culpa a Companhia Pernambucana de Águas e Saneamento (Compesa), dizendo que a responsabilidade pela contaminação dos pacientes é da diretoria do IDR, que descumpriu normas de bio-segurança. “Pela legislação, o responsável pela qualidade da água é do fabricante proprietário”, disse.

Seis hipóteses reforçam a tese de que a Microcystina-LR foi a causadora das mortes. A principal, é o fato de que os 38 pacientes mortos e os 70 que continuam internados no Hospital Barão de Lucena apresentaram os mesmos sintomas.

O relatório trata apenas das condições da água usada no IDR, mas traça um perfil genérico dos 36 óbitos ocorridos até domingo passado. Segundo a equipe técnica da secretaria, a taxa de letalidade do IDR foi de 28,6%, considerando-se apenas 36 mortes. Esse percentual sobe para 30,1% com as mortes mais recentes. Em situações de rotina, a taxa de mortalidade entre doentes que se submetem a hemodiálise varia de 3 a 4%.